

CONTEXTO, REALIDADE E O PLANEJAMENTO NA PRÁXIS PASTORAL

CONTEXT, REALITY AND THE PLANNING IN PASTORAL
PRACTICE

REALIDAD, CONTEXTO Y PLANIFICACIÓN EN LA PRAXIS
PASTORAL

ROGÉRIO L. ZANINI

● Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades e em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humana – Itepa Faculdades.

REGIANO BREGALDA

● Graduado em Filosofia (L e B) pela Universidade de Passo Fundo e em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades. Doutor em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). É professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humana – Itepa Faculdades.

RESUMO

Este texto visa problematizar a práxis pastoral buscando investigar em que sentido a leitura e compreensão do contexto e da vida são fundamentais para pensar a evangelização em um mundo diverso, plural e complexo. A questão que orienta esta reflexão reside em compreender qual a singularidade de se postular uma práxis pastoral, amparada em planejamentos e planos pastorais como sustentação de uma pastoral ‘pensada’. Para dar conta deste intento, a presente pesquisa, de cunho teórico-bibliográfico, alicerça-se na Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE). Postulamos que uma pastoral enquanto práxis, atenta à vida e aos sinais dos tempos, sensível a um Deus na história, é capaz de libertar e humanizar o viver humano. Para dar conta desse objetivo, organizamos a reflexão em quatro momentos. Iniciamos com a retomada da evangelização como escuta dos sinais de Deus no mundo; em seguida, investigamos a Metodologia Histórico-Evangelizadora como uma espiritualidade/modo de ser; depois, retomamos a vida e a realidade como pontos de partida da evangelização de acordo com o Evangelho; e, por fim, destacando como se articulam e se implicam na ação pastoral: o contexto, a realidade e os processos de planos e planejamentos. Para, no final, afirmar que uma práxis pastoral pensada coloca em primeiro lugar e assume decisivamente a opção pelas pessoas e não pelas coisas/instituições, salvaguardando a singularidade ambas.

Palavras-chave: Contexto; Evangelização; Realidade; Planejamento; Pastoral.

ABSTRACT

This text aims to problematize pastoral praxis by investigating in what sense the reading and understanding of context and of life are fundamental to thinking the evangelization in a diverse, plural and complex world. The question that guides this reflection consists in understanding the singularity of postulating a pastoral praxis, supported by pastoral planning and plans, as a support for a ‘thought out’ pastoral. In order to achieve this, the research, which is based on theory and bibliography, is guided by the Historical-Evangelizing Methodology (HEM). We postulate that a pastoral approach as praxis, attentive to life and the signs of the times, sensitive to a God in history, is capable of releasing and humanizing human life. In order to achieve this objective, we have organized the reflection into four parts. We begin by looking at evangelization as listening to the signs of God in the world; then we investigate the Historical-Evangelizing Methodology as a spirituality/mode of being; then we look at life and reality as the starting points for evangelization according to the Gospel; and finally, we highlight how context, reality and the processes of plans and planning are articulated and involved in pastoral action. In the end, we affirm that a thoughtful pastoral praxis places first and decisively assumes the option for people and not for things/institutions, safeguarding the singularity of both.

Keywords: Context; Evangelization; Reality; Planning; Pastoral.

RESUMEN

Este artículo propone comprender la importancia del contexto para una acción evangelizadora coherente con los llamados del Evangelio de Jesucristo. Por eso, las preguntas que orientan esta reflexión son: ¿de qué manera la lectura/comprensión del contexto y de la vida es determinante para pensar la evangelización inserta en una realidad diversa, plural y compleja como la de hoy? ¿Y cuál es la singularidad de postular una praxis pastoral “pensada”, apoyada en planificaciones y planes pastorales? Para responder a esta pregunta, la presente investigación teórica y bibliográfica se basa en la Metodología de la Histórico-Evangelización. Postulamos que una pastoral reflexionada, pensada desde la realidad donde acontece la vida, sensible a la presencia de Dios en la historia, es capaz de ser eficaz, liberadora y humanizadora, signo y expresión del Reino de Dios. Para ello, este texto se divide en cuatro ejes: comenzando por retomar la naturaleza misionera de la Iglesia, indagando en la metodología histórico-evangelizadora como espiritualidad, retomando la vida y la realidad como puntos de partida para la evangelización y, por último, destacando cómo el contexto, la realidad y los procesos de planificación y programación se articulan e implican en la acción pastoral, lo que brinda la oportunidad de pensar la pastoral desde la opción por las personas y no por las cosas.

Palabras clave: Contexto; Evangelización; Realidad; Planeamiento.

INTRODUÇÃO

“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Bíblia de Jerusalém, 2008, Mt 28,19-20, p. 1758).

“Toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima dum espécie de introversão eclesial” (João Paulo II, 2001, 19).

R efletir sobre a ação evangelizadora tendo como ponto de partida o contexto apresenta-se como um desafio à contemporaneidade. É a partir deste traço que este texto se propõe a problematizar a ação evangelizadora, o que se deve principalmente a dois motivos. O primeiro é proveniente das reflexões acerca do fazer pastoral, que é promovido ao longo dos diálogos, partilhas, exposições de práticas efetivadas – coletivas e individuais –, tecidas e problematizadas por acadêmicos(as) e professores(as) da disciplina de Metodologia e Prática Pastoral (MPP) no Curso de Teologia da Itepa Faculdades¹. Um segundo motivo está na importância do contexto para a práxis evangelizadora como tem surgido nas reflexões em sala de aula, particularmente através dos registros pastorais e as dúvidas, angústias e lacunas acerca do agir pastoral. Neste sentido, uma vez que é a própria práxis pastoral dos sujeitos envolvidos que é posta em diálogo, o desafio de como aprofundar para o enfrentamento do senso comum, um agir mecânico, na legitimação de uma fé basista, ingênua e empobrecedora do ser humano. É nesse ponto, especificamente, que se manifestam as dificuldades de assumir a práxis evangelizadora, visto que se explicitam as diversas formas de compreender o contexto, a cultura, o *ethos* social e, conseqüentemente, o agir da fé.

1 A disciplina de Metodologia e Prática Pastoral (MPP) acompanha os quatro anos do Curso de Teologia da Itepa Faculdades, estando presente nos oito semestres, sendo uma pré-requisito da outra subsequente. Seu objetivo principal é refletir e avaliar de forma científico-teológico-pastoral a prática pastoral dos acadêmicos. Salienta-se que a permanente relação epistemológica entre teoria e prática, neste caso, visa incentivar leituras sistemáticas e criativas de diversas linhas e naturezas, mas, por objetivo central, reportar especial atenção à realidade pastoral, as suas implicações e a relação estabelecida entre agente e comunidade tendo em vista a missão cristã.

É diante disso que se insere o objetivo deste texto que é o de refletir a relevância do contexto² para o fazer teológico e a práxis evangelizadora. Buscamos problematizar a relação que se estabelece entre agente, comunidade e contexto, numa tríade que se traduz naquilo que denominaremos “forma de vida” e/ou “espiritualidade”. Nossa posição reside no entendimento de que a fé, a religião e, conseqüentemente, a ação evangelizadora requer ser compreendidas a partir da ‘vida acontecente’, uma vez que oportuniza ler o mundo e os sinais do divino na história ser reduzido a uma categoria sociológica. Por isso, a questão que move esta investigação se fixa em compreender como a leitura/compreensão do contexto e da vida cotidiana é determinante para pensar a evangelização em um mundo diverso, plural e complexo como na atualidade. Na mesma direção, aprofundar qual é a singularidade de se postular uma práxis pastoral amparada e pensada a partir de planejamentos e planos pastorais.

Entendemos que a dimensão do aprofundamento dos contextos é extremamente relevante e, para isso, considerar-se-á, para responder a essa questão, a Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE), cujo arcabouço teórico foi elaborado pelo pedagogo e teólogo Elli Benincá (Benincá; Balbinot, 2009). Pela singularidade desta reflexão, o presente texto tem como autor base, Elli Benincá, que servirá de suporte teórico e epistemológico para sustentar nossa posição. Para Benincá, o contexto constitui-se em um dos elementos nucleares, sendo considerado irrenunciável e imprescindível ao fazer teológico. Para ele, o contexto vem sempre articulado com a comunidade, o agente e a graça formando um círculo hermenêutico inseparável, o que permite a conversão do agente e a transformação da realidade (Benincá; Balbinot, 2009).

Para dar conta deste intento, propomos articular a presente reflexão em quatro momentos. Iniciamos discorrendo sobre a missão histórica da Igreja e de sua perspectiva intrínseca de evangelizar, considerando aporte teológico proveniente do Concílio Vaticano II (1965) e do magistério do Papa Francisco. Em seguida, adentramos na exposição de uma metodologia evangelizadora como espiritualidade do cuidado, com ênfase ao trabalho missionário e no aprendizado proveniente do mundo dos pobres. No terceiro momento esboçamos algumas provocações de cunho eclesial, tendo por referência os clamores advindos da nossa realidade.

² É importante dizer da compreensão do que entendemos, aqui, quando falamos em contexto e realidade. O contexto está direcionado ao acontecer da ação pastoral, da vida da comunidade ou do grupo e a situação dos agentes. “O contexto descrito é o real, por isso mesmo é inesgotável. Entretanto, é evidente que pela dinamicidade dos contextos, há possibilidade de realizar várias leituras ou de se adotar pontos de vista distintos”. Ora, a ação pastoral é exercida sobre o contexto e esta leitura feita pelo e a partir do agente é chamada de “realidade”. Convencionamos estabelecer uma distinção entre contexto e realidade. “O contexto é aquilo que existe e que é, de fato, inesgotável. Por mais que se faça uma leitura aprofundada, não se consegue apreender tudo aquilo que o contexto abarca, além, é claro, de se considerar o fato dele ser dinâmico e estar sujeito a constantes mudanças. A realidade, por sua vez, é aquilo que é construído a partir da leitura do agente” (Carlesso, 2022, p. 187-188).

E, por fim, no quarto momento, evidenciamos a tarefa de compreender como se articula a análise do contexto, considerando a realidade da práxis teológico-pastoral. Aqui repousa a tensão que se põe entre teoria e prática, na qual buscaremos evidenciar sua problemática. Ao percorrer este caminho, buscaremos colocar em evidência a concepção de uma “Igreja em saída” (EG 24), capaz de ser “sacramento, ou sinal, e instrumento” do Reino de Deus, como diz a *Lumen Gentium* (LG 1).

EVANGELIZAÇÃO COMO ESCUTA DOS SINAIS DE DEUS NO MUNDO

A Igreja, compreendida como seguidora e enviada pelo Espírito do Ressuscitado, tem a missão paradigmática de configurar o mundo/história segundo o Reino de Deus e a sua justiça (Bíblia de Jerusalém, 2008, Mt 6,33, p. 1714). Se o que Jesus viveu e testemunhou – o Reino de Deus – encontrou eco nos corações dos apóstolos e os desafiou ao prosseguimento da missão em suas vidas, da mesma forma deve continuar configurando o coração de todos os batizados. O horizonte motivador da atividade missionária realizada pela Igreja é fazer do mundo uma casa comum e fraterna. Como afirma o Papa Francisco na mensagem para o 59º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, somos “chamados para construir a família humana” (2022, s.p.), visto esta ser sinal da “fraternidade e da amizade social”, como rememora o mesmo Papa na Encíclica *Fratelli Tutti*. Nessa Encíclica, explicita que “uma tragédia global como a pandemia do Covid-19” nos recorda “que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos” (FT 32) e que há uma coisa ainda pior que a pandemia: é o vírus do “salve-se quem puder” rapidamente traduzido no lema “todos contra todos” (FT 36).

Já a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, enfatizou que a Igreja deve ser compreendida como o sacramento de salvação ou do reinado de Deus *no mundo*: “A comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história” (GS 1). Por isso,

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

Esta passagem é portadora de um sentido profundo e se tornou como um paradigma teológico eclesial. Para o intento desta reflexão, gostaríamos de destacar duas intuições na perspectiva aberta pelo teólogo Jung Mo Sung. A primeira, que o ponto de partida e a referência principal não são a Igreja, mas sim as alegrias, as tristezas... sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem (Mo Sung, 2013, p. 113). Esta referência concreta às pessoas que habitam o mundo é fundamental para o caminho da evangelização e a compreensão da própria natureza da Igreja. Afinal, a Igreja não vem antes das pessoas, bem como também não possui destinatários, mas interlocutores, ou seja, pessoas amadas por Deus que demandam escuta, atenção, sensibilidade, cuidado, porque formam o povo santo de Deus criador.

Desse modo, todos os sujeitos/pessoas, particularmente os mais fragilizados, possuem primazia nos processos de evangelização. Aqui se entende a insistência do Papa Francisco para que os cristãos façam das periferias o centro da evangelização, e a Igreja precisa ser periferia para honrar o seu fundamento, Jesus Cristo, que sendo rico se fez pobre para salvar a todos. “No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197). Desta forma, o Papa Francisco retoma e recoloca no centro da evangelização o que é a prioridade permanente, ou o “sinal dos tempos” que não se pode abandonar para permanecer na fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo.

Dizemos que recoloca porque, como diz a *Lumen Gentium*, Cristo foi enviado pelo Pai para “evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração”, procurar e salvar o que se havia perecido. Semelhantemente, a Igreja vive o amor com todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhecendo mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu precursor pobre e sofredor (LG 8). Uma evangelização com esta práxis coloca no centro não a Igreja, mas o Cristo e seu Reino. Não se despreza o lugar e a missão da Igreja como sacramento de Cristo, ou sinal e instrumento de salvação, mas a coloca a serviço da vida da humanidade. À medida que a Igreja perde sua razão de ser – de existir – passa a viver em volta de si mesma, autorreferencializada caindo no “mundanismo espiritual” (EG 93), algo duramente criticado pelo Papa Francisco.

A segunda questão refletida por Jung Mo Sung tem como base o dever da Igreja em investigar os “sinais dos tempos” conforme pede a *Gaudium et Spes*:

Investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático (GS 4).

Para Mo Sung, deste dever se originam duas questões. Uma, em relação à ideia dos “sinais dos tempos”, que se opõe à de “sinais dos céus”. Estes últimos remetem a antecipações, analogias de uma ação divina, algo que por natureza não se pode atribuir nem ao ser humano e muito menos ao demônio. Aos “sinais dos tempos” se referem as transformações concretas que ocorrem no mundo. Diz respeito a uma teologia que procura interpretá-los à luz do Evangelho, procurando descobrir a verdade libertadora dos eventos presentes, das lutas pela libertação e humanização, por mais contraditórias e provisórias que elas sejam (Mo Sung, 2013, p. 114). A outra questão que requer ênfase, diz respeito à necessidade de “conhecer e compreender o mundo em que vivemos”. Esse desafio, por sua vez, nunca se finda, sendo permanente. Não se trata de “uma compreensão da modernidade na perspectiva da leitura dos ‘sinais dos tempos’ como somente uma mera repetição do que os próprios modernos disseram ou dizem de si mesmos” (Mo Sung, 2013, p. 115). A perspectiva dos sinais dos tempos deve estar numa direção insistida ainda pelo Apóstolo São Paulo, ao recordar que a sabedoria do mundo é loucura para Deus e a sabedoria de Deus é loucura para o mundo (Bíblia de Jerusalém, 2008, 1Cor 1,18-28, p.1994), bem como que jamais se deveria esquecer dos pobres (Bíblia de Jerusalém, 2008, Gl 2,10, p.2033).

Para Mo Sung, o caminho de humanização e da construção de uma sociedade justa e sustentável passa pela crítica da irracionalidade idolátrica da modernidade e do atual processo de globalização, que acentua o indivíduo, o egoísmo e a ideia do “tudo posso”. Esta crítica precisa ser teológica, mas não apenas, uma vez que precisa “germinar mais ‘sinais dos tempos’, ações e comunidades que testemunham a inocência das vítimas, desmascaram a mentira e o assassinado tem nome de sacrifícios necessários” (Mo Sung, 2013, p. 127).

A lógica do sistema atual baseada na cultura do consumo e do descarte, motivada ainda mais pelo avanço do neoliberalismo, tem acentuado a lógica social individualista, mercadológica, concorrencial e patológica do viver, acentuando a perspectiva destrutiva das relações

humanas e da vida como um todo (Dardot; Laval, 2016; Krenak, 2020; Safatle, 2021). Para o Papa Francisco: “é uma ilusão enganadora pensar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco” (FT 30). É uma ilusão pensar que é possível salvar-nos sozinhos (FT 32). Leonardo Boff, autor referencial da relação intrínseca entre o cuidado dos pobres e da casa comum, chama atenção para a necessidade de mudança de rota: temos que voltar ao “cuidado”, pois tudo, de certa forma está “des-cuidado” (2022, 187). Neste contexto, aponta Pedro de Oliveira, “a opção pelos pobres adquire a dimensão profética por anunciar e testemunhar - na contramão da cultura produtivista-consumista hoje globalizada - que ninguém precisa ser rico para ser feliz” (2013. p. 106).

Ora, a partir destas interpelações, vai-se tornando mais clara a necessária inserção e a missão da Igreja nos sulcos desta história. É na história que se tecem as tramas do viver, sejam as alegrias, as virtudes e, conseqüentemente, as cruces, estas últimas acentuadas na atualidade. Afirma Gutiérrez: “o espaço de Deus é o mundo, o segredo do mundo, a presença escondida de Deus. Jesus Cristo é a estrutura desse espaço e o nome deste segredo” (Gutiérrez, 2000, p. 242, nota. 3). O cristianismo celebra o pleno cumprimento de Deus com a humanidade com a encarnação do Filho de Deus: “O Verbo se fez carne e habitou³ entre nós” (Bíblia de Jerusalém, 2008, Jo 1,14, p.1843).

A negação do Verbo de Deus se atualiza quando a religião é instrumentalizada e manipulada para fins contrários aos valores do Evangelho. Por exemplo, em carta ao povo de Deus, os Bispos brasileiros denunciaram “a manipulação religiosa, protagonizada tanto por alguns políticos como por alguns religiosos, que colocam em prática um projeto de poder sem afinidade com os valores do Evangelho de Jesus Cristo” (CNBB, 2022, s.p). Na carta, também, chamam atenção contra a mentira dissimulada pelas *fake news* e suas conseqüências:

a disseminação das *Fake News*, que através da mentira e do ódio, falseia a realidade. Carregando em si o perigoso potencial de manipular consciências, elas modificam a vontade popular, afrontam a democracia e viabilizam, fraudulentamente, projetos orquestrados de poder (CNBB, 2022, s.p).

3 Habitar em determinado lugar marca uma diferenciação expressiva em relação ao termo presença a partir do termo hebraico Shekinah. Esse termo deve ser traduzido por habitação, em lugar de presença. “Designa o fato de Deus habitar em alguma parte: tem aí sua habitação. Enquanto presença não indica lugar nenhum, nenhum laço, nenhuma preferência, a habitação supõe que se escolheu um lugar para morar” (Gutiérrez, 2000, p. 242, nota 4).

As mensagens mentirosas produzidas possuem uma natureza mimética, que imita a realidade, porém, em um sentido negativo, no qual seduz e corrompe a alma e o coração do ser humano para a falsidade e desconstrução da verdade. As falsas notícias são uma máquina que inventa mentiras, que corrompe e dissimula o real, impedindo ou fragilizando a verdade. Aliás, elas capturam o inconsciente a partir de estereótipos e preconceitos generalizados, explorando e manipulando o ser humano. Elas capturam as pessoas motivando à generalização apressada, ao preconceito ao outro, ao desprezo, à injustiça, à falsidade, à ideologização, à ira e ao engano, ao não reconhecimento do outro como parte da mesma existência.

Nesse sentido, para o Papa Francisco, é necessário deixar-se purificar pela verdade, que, por sua vez, é “relacional”. A verdade não está ensimesmada, mas encarnada nas relações, no reconhecimento, na alteridade. Por isso, enfatiza o pontífice que só é possível conhecer a verdade,

quando a experimenta em si mesmo como fidelidade e fiabilidade de quem o ama. Só isto liberta o homem [...]. A verdade não se alcança autenticamente quando é imposta como algo de extrínseco e impessoal; mas brota de relações livres entre as pessoas, na escuta recíproca [...]. O melhor antídoto contra as falsidades não são as estratégias, mas as pessoas: pessoas que, livres da ambição, estão prontas a ouvir e, através da fadiga dum diálogo sincero, deixam emergir a verdade; pessoas que, atraídas pelo bem, se mostram responsáveis no uso da linguagem (Francisco, 2018, s.p.).

Uma evangelização distante da escuta atenta aos contextos e desfocada do encontro com o outro é um prenúncio de que o Evangelho não é a centralidade. Por isso, a necessidade, segundo o Papa Francisco, de “passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (EG 15), capaz de ecoar em todos os rincões do mundo o anúncio do Evangelho.

Pensar uma ação evangelizadora verdadeiramente missionária, mobilizada e aberta a fazer novas todas as coisas, é ser “capaz de transformar tudo”. Pastoralmente, significa um chamado à conversão que mobiliza a modificar “os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27). Condição que permite avançar na

“reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige” (e a Igreja se tornar missionária). Ora, para que isso ocorra, faz-se necessário que a “pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (EG 27).

Uma Igreja em saída não é aquela que se deixa conduzir pela lógica que rege o mundo, particularmente marcado pelos avanços da negação do outro e do individualismo. Igreja em saída é aquela capaz de ser sinal do Reino, do Espírito do Divino Amor, capaz de convocar para a comunhão, a fraternidade, a solidariedade e o bem comum. Somente uma evangelização enraizada na história, capaz de compreender os sinais de Deus no outro e no mundo, será viva, eficaz e evangélica, sinal de vida, de criação.

Esse caminho leva a construir a cultura do encontro, superando a cultura dos muros e dos individualismos, tão presente no seio da sociedade capitalista. A formação de comunidades em redes e o fortalecimento de trabalhos comunitários, como espaços de trocas de experiências e de superação das mazelas sociais e culturais são sinais do Reino de Deus. Uma evangelização coerente com o Evangelho não é aquela que se preocupa em dizer a verdade aos outros, e se cala e silencia diante do mistério do mundo, mas aquela que contempla seus abismos e se deixa guiar pela graça de Deus e o testemunho dos mártires.

METODOLOGIA EVANGELIZADORA COMO ESPIRITUALIDADE DO CUIDADO

Deus é “Senhor, amigo da vida” (Bíblia de Jerusalém, 2008, Sb 11,26, p.1124) e encontra suas formas de fazer-se participante no caminho dos humanos. Com seu dinamismo de vida, a divina Ruah sopra onde, quando e como quer (Bíblia de Jerusalém, 2008, Jo 3,8, p.1724), mas sempre na direção da vida em plenitude, particularmente dos pobres e injustiçados, porque assim é do agrado do Pai (Bíblia de Jerusalém, 2008, Mt 11,25, p.1848). O Espírito entra em diálogo com a humanidade e, através da solidariedade e da fraternidade das pessoas e das comunidades, revela seu amor. Segundo a teóloga Maria Clara Bingemer, “O amor de Deus pela humanidade, que flui da economia trinitária, é a imagem e forma da realidade mais funda de Deus. O amor assim misteriosamente

entendido é inclusivo, não deixando fora de si o pobre ou os pequenos deste mundo” (Bingemer 2007).

Chegamos ao abismo da desigualdade em que mesmo o “pão nosso de cada dia” que, em linguagem popular é “dom de Deus”, traduzido na frase: “graças a Deus tenho o alimento para este dia”, se torna cada vez menos presente na mesa das pessoas. No Brasil, segundo o relatório da Oxford Committe for Famine Relief (OXFAM,) 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer⁴, fato nem sempre compreendido por quem tem o mínimo garantido na mesa todos os dias. Neste aspecto, o contato com os povos originários, e da mesma forma com os pobres e pessoas em situação de rua e tantas outras realidades de marginalização, faz perceber o quanto o primário da vida, o mínimo para a sobrevivência, é o máximo para milhares de pessoas. Basta dar um minuto de atenção às suas conversas cotidianas para perceber a preocupação com os preços dos alimentos, da água e da luz.

Neste sentido, aos cristãos/batizados existe o desafio permanente de buscar o Reino de Deus e sua justiça, ou, em outras palavras, serem fazedores do Reinado de Deus na força do Espírito do que habite a humanidade toda. De antemão, é preciso antecipar que, embora existam muitos caminhos, possibilidades e experiências realizadas pelas comunidades eclesiais, não há “fórmulas”, “receitas” e “métodos fixos” que arrematem como sendo o caminho para anunciar o Reino. Isso poderia ser justificado pela própria premissa, uma vez que evangelizar é anunciar o Reino de Deus, mas este não tem uma definição única, nem mesmo por parte de Jesus, segundo as narrativas bíblicas. O que fica claro, no entanto, é que o Reino tem como prioridade permanente os pobres (Bíblia de Jerusalém, 2008, Mt 5,1, p.1710), e que evangelizar exige refletir constantemente sobre os conteúdos e que estes não devem “esconder a importância das vias e dos meios da mesma evangelização” (EN 40). O próprio Paulo VI se perguntava: “Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz?” (EN 4).

Esta questão de Paulo VI (1975) é central e continua em vigor e chega ao Papa Francisco (2013) ao afirmar: “a pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG 33). E esta questão não se resolve afirmando simplesmente: “Jesus é ‘o primeiro e o maior evangelizador’, porque este mesmo Deus/Jesus está a “chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG 12).

4 Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/noticias/fome-avanca-no-brasil-em-2022-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

Isso significa que a pastoral exige ser pensada, refletida e planejada com a utilização das ciências disponíveis. Entendemos aqui método não como uma técnica em si, mas como modo de vida, uma espiritualidade. Ou seja, não se trata de pensar a evangelização como um recurso, mas como um anúncio, testemunho, presença. Como afirma Benincá, “a metodologia é a mística que está por trás de nossas ações” (Benincá, Balbinot, 2009, p. 40).

Descortinando um caminho evangelizador e avançando no sentido do que propõe o Papa Francisco, urge considerar como dimensão constitutiva alguns elementos no processo metodológico. O primeiro e basilar é a dimensão dos processos. O tempo é superior aos espaços (EG 222-225); e a realidade é mais importante do que as ideias (EG 231-233). Ir ao encontro daqueles que estão à margem é o desafio primeiro, que exige conversão, abertura, reconhecimento e desejo de encontro. Afinal, “Deus vem ao nosso encontro por meio daquilo que é mais cotidiano, mais banal, mais humano” (Sbardelotto, 2020, p. 44).

Outro princípio explicitado pelo Papa Francisco está na necessidade de aprender dos pobres que sabem pedir a ajuda de Deus e têm “muito para nos ensinar”. As razões para Francisco são várias, mas para destacar o fundamental: “a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles” (EG 198). Portanto, a Igreja faz a opção pelos pobres pois estes são sinal de salvação, visto que “além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor”. Conforme ressalta a Encíclica *Evangelii Gaudium*,

é necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (EG 198).

Nesta passagem pode-se ressaltar que há um tratado teológico-metodológico: a) deixar-se “evangelizar por eles”; b) “reconhecer a força salvífica das suas vidas”; c) “colocá-los no centro do caminho da Igreja”; d) “descobrir Cristo neles”; e) ser voz e lutar em suas causas,

mas, fundamentalmente, “ser seus amigos”, escutá-los e compreendê-los; f) Deus é o mistério de amor indizível que expressa sua “misteriosa sabedoria” através dos pobres. Não se trata, portanto, de ir levar Deus aos “pobres sem Deus”, mas encontrá-lo presente e atuante na vida, no caminho, junto ao seu povo.

Na abordagem de Francisco (2013), perpassa uma metodologia mistagógica, configurada numa espiritualidade missionária, aberta à utopia, sem um lugar determinado (pois ela se dá em toda parte), capaz de perpassar e habitar o coração e a alma das pessoas, impulsionando a busca por uma libertação integral. Trata-se de uma metodologia que não se restringe ao puro conceito, à ideia em si, mas se sustenta enquanto sentimento, afeição, amor, utopia e prática. Estilo que, ainda nas palavras de Francisco, se trabalha em ações ou em programas de promoção humana em seu sentido mais amplo, sobretudo na “atenção prestada ao outro”.

esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem. Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé. O amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência (EG 199).

É o amor que torna o outro expressivo e digno de existência. E, somente impregnados pelo sentimento de alteridade, de abertura ao outro, do encontro, da escuta sensível, é que se torna possível presentificar o Deus-Amor na humanidade. Esse puro amor é pura relação. Deus se faz humano para se relacionar, para que fosse possível compreender que os pobres, marginalizados, sofredores, não apenas representam o amor de Deus, mas se tornam a sua atualização (DCIB 47-43). E o Papa Francisco insiste para que possamos seguir atualizando esse amor, mas, para isso, é necessário que “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!” (EG 101). Pois,

quando amado, o pobre é estimado como de alto valor e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como ‘em casa’. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? (EG 199).

A Boa Nova, portanto, é a descoberta de que a Igreja não se encontra fora desta sina. O Evangelho é aquilo que muda o mundo; é a santidade paciente dos fiéis pobres, “que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus” (GE 7). Quantas pessoas desconsideram certos tipos de corpos, particularmente, quando são corpos indígenas, negros, moradores em situação de rua, enfim, os diversos corpos de pobres e marginalizados que adquirem *status* “diferenciados” no seio da sociedade capitalista.

É nessa perspectiva que optar pelo Evangelho e pelo Reino exige configurar o modo de vida/espiritualidade a partir dos empobrecidos, injustiçados, excluídos da sociedade. Mais ainda, requer profetizar contra um sistema econômico e suas estruturas sociais e políticas. Essa opção não acontece sem propósito: requer ascese, discernimento, método. Optar pelos empobrecidos exige uma metodologia que mobilize o sujeito a pautar a sua vida, sua utopia, na busca da vida abundante: a dignidade e o respeito à vida. Para tanto, o caminho reside no fortalecimento das relações comunitárias, participativas e de respeito ao bem-viver, ao bem comum, à diversidade, à natureza, ancorado nos princípios da solidariedade e do reconhecimento. A metodologia evangelizadora é, portanto, sempre histórica e, mais do que um método, é o jeito de ser, uma espiritualidade, uma mística, que se manifesta na opção preferencial pelos marginalizados. Trata-se de uma metodologia do cuidado com aquilo que há de mais profundo: a vida. A espiritualidade da metodologia evangelizadora repousa na possibilidade de que os sujeitos possam fazer a experiência desse Deus que se fez humano e se revelou amor na história. Não se trata de uma ideia, de uma técnica, mas de um deixar-se perpassar por aquilo que é mais humano. E essa é uma tarefa árdua, que toca o mais profundo do ser, exigindo

um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larossa, 2018, p. 25).

É uma metodologia capaz de ser sinal do Reino, reflexo do Evangelho e capaz de permitir a formação integral do ser humano. Sensibilidade para sentir, viver e dar testemunho do amor primeiro, através do silenciar, escutar e deixar-se atravessar pelo “cheiro da vida”. Um cheiro que se dá no contato com as realidades das pessoas, no sujar os pés no barro, no sentir a dor da opressão, no conhecer as narrativas e histórias de vida e do povo, sem medo de deixar-se tocar pelas alegrias e tristezas de um povo sedento de Deus. Aliás, a experiência de Deus se faz na relação/encontro com o mistério do Outro e do outro. Afinal, Deus está no mais profundo daquilo que é humano e a metodologia é a busca por fazer a experiência e revelá-lo.

305

SENTIR A VIDA COMO CAMINHO DA EVANGELIZAÇÃO

O Evangelho, quando inserido na vida e na história dos pobres, dá o que pensar, mas também ensina e capacita os processos de evangelização. A pergunta central para os cristãos é sobre a presença salvífica de Deus na história e na vida das pessoas. A fé no ressuscitado é central no cristianismo, mas central também é o encontro com o Senhor que configura e modela o estilo de seguimento.

As respostas sempre são variadas, a depender das compreensões da fé e da espiritualidade professada por cada batizado. No *Documento de Aparecida*, os bispos, por exemplo, dedicam um longo texto explicitando, aprofundando, e mesmo enumerando mistagógicamente, os “lugares” fundamentais da presença de Jesus ressuscitado (Lugares de encontro com Jesus

Cristo) (DAp 246-265). Conforme apontam, está na Igreja, no Evangelho, na Liturgia, no sacramento da reconciliação, na oração pessoal e comunitária, em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno, nos pobres, aflitos e enfermos.

O encontro com o Senhor atravessa toda a ação litúrgica. Não é uma ideia, um conceito, uma oração: é um tocar e um sentir. Para que algo toque, se torne sentido, requer abertura, esvaziamento, silêncio, escuta. A experiência de encontro com o Senhor exige um abrir-se, afinal, só a abertura ao Outro permite significar e ressignificar o processo de seguimento a Jesus. O encontro se traduz numa perspectiva salvífica, uma vez que, como cristãos, há uma busca pela salvação. No entanto, a salvação não está para além dos sentidos que facultam o ser humano sentir a experiência de Deus. Sendo assim, o encontro com o Senhor sempre acontece na história e, de modo singular, onde a vida, em sua expressão mais singela e frágil, se revela. É na singeleza da vida e do viver que as experiências se tornam mais qualificadas e significativas.

O problema que se coloca de imediato, no entanto, é sobre a maneira de seguimento para que o encontro e a salvação – esperança de nossa fé –, sejam possíveis. Em termos de espiritualidade e fé cristã, a resposta é sempre a mesma: na fé *em* Jesus e na fé *de* Jesus. Segundo o profeta Miqueias, estava claro o que Deus esperava de seus filhos e filhas: “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus!” (Bíblia de Jerusalém, 2008, Mq 6,8, p.1642). A salvação não é fruto de uma crença ingênua e descolada da vida: pressupõe seguimento, caminhada, encontros, sentimentos, espiritualidade, modo de ser, reconhecimento, sensibilidade para perceber Deus que se revela e coragem para fazer dessa experiência uma continuidade da mensagem salvífica.

É nesse interim que se pode dizer que a relação do humano com Deus acontece mediante duas pré-condições. De um lado, ao praticar a justiça e amar com ternura. Por outro lado, a relação com Deus está perpassada por um modo de ser e de atuar humildemente. Esse ser e atuar assim vem expresso unicamente com o termo caminhar. Os seres humanos se perguntam acerca do que fazer para que Deus lhes seja favorável, e Deus, como estupefato das mesmas perguntas, responde firmemente: ama a Deus e ao próximo, desde os caídos na tangente da história como fez o meu Filho muito amado (Bíblia de Jerusalém, 2008, Mt 22,37-39, p.1744).

Se o reconhecimento de Jesus está condicionado ao seu estilo de vida, então todas as vezes que tocamos na carne sofredora das pessoas tocamos na carne de Cristo. Em consequência, ao passar ao lado das pessoas, pobres, indígenas, mulheres vítimas de violência, LGBTQIAPN+ etc., nos aproximamos ou rechaçamos Cristo. Este é o primeiro e fundamental princípio que

revela se nossa evangelização “produz frutos ou não”, se é boa notícia ou não, se está eivada de preconceitos ou não. Uma boa notícia que não faz o que diz, conseqüentemente deixa de ser boa. Em uma realidade/história em que crescem os pobres exponencialmente, significa que a notícia invocada não está sendo “boa” e eficaz. Daí, então, o chamado para fazer movimentos de aberturas dos corações e das mentes, deixando o Espírito inspirar para sentir o mundo.

Particularmente, para a reflexão teológica, sobremaneira a cristã, o desencadeamento da nova maneira de fazer teologia está na compreensão de que Deus escuta o grito do oprimido e vem em favor de sua libertação (Bíblia de Jerusalém, 2008, Ex 3,7-10, p.106). Desta raiz revelatória origina-se a mística e o método teológico salvífico e libertador que contempla mediação sócio-analítica, hermenêutica, prática, inspirada no método da ação católica: Ver, Julgar e Agir.⁵ Segundo Teixeira e Panasiewicz, esta

noção que se particulariza e se concretiza, ao mesmo tempo em que amplia enormemente a percepção ao compreender que Deus ‘sofre no sofrimento’ da sua criação e que faz todo o possível para mudar a situação, pois Ele é o Deus da libertação, e não da opressão, nem da violência” (2022, p. 104).

Estes elementos teológicos provenientes da fé cristã e tendo por base o processo de renovação teológico-pastoral que culminou com o Concílio Vaticano II e se desenvolveu em seu processo de recepção eclesial, sobretudo na América Latina, convém destacar aqui o esforço de superação do dualismo natural-sobrenatural que dominou a reflexão teológica durante séculos. Querendo “salvar” a gratuidade da salvação, ele acabava comprometendo o caráter criatural/gracioso do mundo, tornando a salvação irrelevante para este mundo e enfraquecendo o compromisso da Igreja com a transformação desse mundo. Isso levou o Concílio a compreender a Igreja como “sinal e instrumento de salvação” no mundo (LG, 1, 9, 48) e a afirmar que o “divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves de nosso tempo” (Aquino Júnior, 2017, p. 12).

⁵ Segundo Telmo Marcon e Eldon Henrique Mühl, esta também foi a metodologia testemunhada pelo Pe. Elli Benincá. “Perspectiva metodológica que rompia com a hierarquia verticalizada da escolástica: trabalhava com uma perspectiva indutiva de conhecimento, ou seja, partia das observações empíricas que constituíam o VER, avançava para o JULGAR, e daí projetava-se o AGIR. Esta metodologia foi incorporada e vivida sistematicamente por Benincá em todas suas intervenções teóricas e práticas” (Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá. Passo Fundo: UPF. p. 21).

REALIDADE, CONTEXTO E PLANEJAMENTO NA AÇÃO EVANGELIZADORA

O Papa Francisco tem reiteradamente chamado a atenção para a confusão entre a realidade e as ideias. Nas palavras dele: “existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se”. O caminho entre as duas se conserva através do “diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no Reino só da palavra, da imagem, do sofisma” (EG 231). Mantê-las em relação permite que as ideias ajudem a realidade e vice-versa. Assim, nesta relação dialética, a realidade ganha inteligibilidade e, desta forma, as pessoas de carne e osso adquirem primazia tendo em vista o amor solidário e comprometido.

Para compreender e atuar com os pobres é necessário levar em “consideração a realidade”, com o seu peso e suas lutas, com sua perseverança e confiança, porque precisam lutar sem cessar para que seus filhos não passem fome. Levar em conta a realidade e lê-la a partir do seu lugar, especialmente onde a vida está fragilizada, em meio aos pobres, é entrar pela porta estreita de que fala Jesus no Evangelho.

Ocupar-se com a realidade é traço estruturante para se pensar a ação evangelizadora e o anúncio coerente ao Evangelho. Para tanto, segundo o teólogo e filósofo Ellacuría, a “apreensão da realidade” precisa desdobrar-se em três dimensões. Levar em “consideração a realidade” (dimensão intelectual), “responsabilizar-se pela realidade” (dimensão ética), “encarregar-se da realidade” (dimensão praxica) (Ellacuría, 2000). E Jon Sobrino acrescenta uma quarta: “deixar-se levar pela realidade” (dimensão da graça), uma vez que Deus se revela na singeleza da vida (Sobrino, 2008, p. 18).

Na dinâmica da vida cristã é o próprio Evangelho que mobiliza a encontrar-se com o outro, a abraçar o mundo que interpela, sejam as alegrias e belezas que a vida reserva, mas as tristezas, os sofrimentos e os desafios e riscos do encontro com o outro. A fé num Deus que se fez carne pressupõe o encontro com a carne dos outros, com a vida, com a realidade, afinal, “quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (Bíblia de Jerusalém, 2008, IJo 4,20, p. 2132). E levar em consideração a realidade supõe

um estar na realidade das coisas – e não apenas um estar diante da ideia das coisas ou no sentido delas – um estar “real” na realidade das coisas, que em seu caráter ativo de estar sendo é exatamente o contrário de um estar coisal e inerte e implica um estar entre elas, através de suas mediações materiais ativas (Sobrinho, 2008, p. 19).

Este caminho conduz certamente ao mundo dos pobres, dos “invisíveis”, mas, também, a descobrir quem são os opressores que continuam fazendo vítimas no mundo atual. A partir deste diagnóstico prático, aparece uma fé que busca dar razões de sua esperança, descortinando sinais do reinado de Deus a partir da vida que toca todo humano. Da mesma forma, irrompe um seguimento de Jesus com a missão de descer da cruz os pobres crucificados. Em outras palavras, conhece-se o Pai na busca em fazer acontecer o Seu Reino. Assim, a fé ganha em densidade histórica, uma vez que os pobres e injustiçados se tornam sujeitos e protagonistas do anúncio, pois são libertados. O Reino cresce como grão de mostarda, combatendo o antireino, os cegos veem “outro mundo possível” e todos entram na ciranda do amor até o fim, como testemunhou Jesus. Um Deus de rosto curtido, de mãos calejadas... e disposto a chorar a dor e o sofrimento como uma mãe que lamenta e geme as dores dos filhos e filhas. Para lembrar o que já dissemos: “Deus que ‘sofre no sofrimento’”.

E para falar de uma pastoral que testemunha o rosto deste Deus amor, certamente nos deparamos com a necessidade do planejamento na evangelização, assim entendido como caminho coletivo, inserido e humanizador. Diante dos desafios contemporâneos marcados pelo espontaneísmo das ações, pelo avanço neoliberal que impulsiona o individualismo, pelos autoritarismos e mentalidades egoístas e interesses pessoais, se torna premente repensar as implicações dessas perspectivas na ação evangelizadora. Desse modo, o primeiro e mais significativo passo para qualificar a ação pastoral repousa no planejamento. Sem planejar é como estar em um barco à deriva no mar.

Entretanto, planejar aqui está associado àquilo que acima se pontuou, a um modo de vida, a uma espiritualidade. Isso significa que o planejamento está mais associado a uma pedagogia do que com uma técnica. O ato de planejar visa seguir um objetivo que, para os cristãos, é a experiência de Deus. Esse caminho se dá sempre com pessoas, o que torna todo o percurso formativo importante. Nesse sentido, o ponto importante não recai apenas no planejar, pois o

planejamento também pode ser opressor. O planejamento cristão necessita levar em consideração o Evangelho, a comunhão fraterna, a *Koinonia*, o Reino.

O planejamento, por sua vez, é intrínseco ao plano, que, por um lado, traz em cena a perspectiva do Evangelho e, por outro, para além dele, possibilita dar consistência e eficácia à ação evangelizadora. Assim, é importante averiguar o contexto em que acontece a ação pastoral, a vida da comunidade e nossa situação de agentes. Ora, o “contexto é o real” e como tal “inesgotável”, ou seja, “possibilita várias leituras”, com a condição de que a “nossa compreensão será sempre uma interpretação e nunca neutra” (Carlesso, 2022, p. 187). Nas palavras de Brighenti, “no campo eclesial, se não for de forma participativa, colegiada, comunitária, no espírito de *koinonía* que funda a Igreja, o planejamento presta um *des-serviço* ao Reino de Deus” (2006, p. 203).

O contexto é sempre inesgotável e a leitura que dele se tece costuma-se denominar de “realidade”. Sendo assim, exige sempre novo olhar, ou seja, precisa ser revisto e avaliado continuamente. Aqui também exige que se faça uma distinção entre contexto e realidade.

O contexto é aquilo que existe e que é, de fato, inesgotável. Por mais que se faça uma leitura aprofundada, não se consegue apreender tudo aquilo que o contexto abarca, além, é claro, de se considerar o fato dele ser dinâmico e estar sujeito a constantes mudanças. A realidade é aquilo que é construído com a nossa leitura (Carlesso, 2022, p. 188).

Por isso, o planejamento pastoral está alicerçado no diagnóstico realizado do contexto, mesmo que a apreensão do mesmo seja um desafio permanente. No entanto, a capacidade de fazer a leitura do contexto, de “construir a realidade pastoral”, será (ou deveria ser) determinante para o que se vai projetar. É da leitura da realidade que brotam as necessidades e as potencialidades da comunidade, a serem consideradas no estabelecimento das metas e estratégias (Carlesso, 2022, p. 188). Ler o contexto exige vigilância epistemológica para não cair em reducionismos, identificando somente cruces e problemas, ou exclusivamente glórias e vaidades.

Existem ao menos duas perspectivas complementares quando se fala em fazer um diagnóstico do contexto. Uma que pode ser chamada de leitura técnica, onde a objetividade e a utilização das ciências são fundamentais para apreender os dados contextuais. A outra, se refere à sensibilidade, à compaixão do agente ou mesmo à mística que conduz o processo de evangelização. Danilo Gandin auxilia nesta direção, quando distingue a tecnocracia do planejamento. Os tecnocratas são caracterizados por optarem pelas coisas, enquanto quem faz planejamento pastoral precisa fazer opção pelas pessoas. Mais que isso: num processo participativo precisa fazer opção com as pessoas, em certa medida com uma causa comum (Gandin, 1983, p. 102).

Neste aspecto, as consequências do planejamento também são diferentes: uma tem por meta a instituição e a outra, as pessoas. No princípio sempre convergem, uma vez que as instituições são ou foram criadas com o objetivo do cuidado das pessoas, ou mesmo um grupo de pessoas. Em outras palavras, de prestação de serviço, missionárias. Um olhar atencioso para a realidade das pessoas faz perceber a diferença e os deslizes que se ocultam por trás das diferentes instituições, por exemplo. No aspecto eclesial, basta se perguntar: as práticas da Igreja enquanto instituição estão a serviço de quem? Das pessoas, ou da própria instituição? Neste sentido, o planejamento possibilita manter claro o objetivo e missão da Igreja, no horizonte do Evangelho e do Reino. Para Gandin, ao definir o planejamento estamos a “decidir o tipo de sociedade e de homem [ser humano] que se quer e que tipo de ação educacional é necessária para isto” (Gandin, 1983, p. 22). O planejamento da ação evangelizadora é, então, uma oportunidade de atualizar a presença de Deus no mundo, capaz de perceber as diversas facetas com as quais Ele se revela. Planejar é um sinal da Igreja em saída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente reflexão, fruto de provocações acadêmicas em sala de aula, diálogos entre professores e leituras complementares, nasceu com o objetivo de compreender a importância dos contextos na ação evangelizadora. Buscou-se evidenciar como assumir a dimensão da realidade na ação evangelizadora é um processo que não acontece por acaso, mas exige clareza do Evangelho e fidelidade ao Reino. Em tempos marcados pela rapidez, pelo egoísmo, pelas aparências e pela negação do outro, essa firmeza de uma fé associada à vida se torna prioridade. Daí a singeleza de se pensar a pastoral, refleti-la e planejá-la, no intuito de que ela possa ser

expressão, sinal e propósito de uma evangelização viva e eficaz. Desta forma, a pastoral não só “dá o que pensar”, mas também ensina e capacita a evangelização.

Ora, é no contexto e na realidade que se encontram as pessoas, os interlocutores da ação missionária da Igreja. E aí é necessária a leitura desses contextos para uma evangelização conseqüente com o mandato de Jesus: ide evangelizar. No âmbito da realidade, o que impulsiona a ação pastoral é o Reino de Deus e sua realização entre os pobres do mundo. Logo, a pastoral não pode ser concebida fora daquelas e daqueles que são as esquecidas e esquecidos do mundo, ou, como o Papa Francisco tem dito em várias ocasiões, as descartadas e os descartados (EG 53-54).

Conhecer e desvelar os contextos, fazer bons diagnósticos da realidade, sempre com os ‘pés’ voltados para comunidades reais, evitam, por um lado, a tentação dos idealismos e ingenuidades na ação pastoral, e, por outro lado, mantêm o “evangelho na contramão” da sociedade e dos contextos sempre marcados pelas injustiças e por uma multidão de “invisíveis”. A fidelidade aos contextos mantêm os discípulos missionários de Cristo no caminho de sempre de novo pedir ao Espírito Santo o que Jesus espera dos evangelizadores. “Pede sempre, ao Espírito Santo, o que espera Jesus de ti em cada momento da tua vida e em cada opção que tenhas de tomar, para discernir o lugar que isso ocupa na tua missão” (GE 23).

312

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO Júnior, Francisco. Teologalidade das resistências e lutas populares. *Cadernos Teologia Pública*. Ano XIV, Vol. 14, nº 126. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

BARROS, Marcelo. *Teologias da libertação para nossos dias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: Mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. 5ª Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2008.

BINGEMER, Maria Clara. O rosto feminino de Deus. Entrevista. *IHU Online*. Edição 248, de 17 de dezembro de 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>. Acesso em 11 de maio de 2022.

BOFF, Leonardo. Ecologia e Teologia da Libertação. In.: GUIMARÃES, Edward. *50 anos de Teologia da Libertação: memória, revisão, perspectivas e desafios*. V. 2. São Paulo: editora recriar, 2022. p. 183-188.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Siquem, 2006.

CARLESSO, Jair. Planejamento pastoral. In: Selina Maria DAL MORO; Ivanir A. RODIGHERO (org.). *Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre Evangelização*. Passo Fundo: EDIUBE, 2022. p. 171-196.

CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Documento 99. Aparecida: Paulinas, 2014.

CNBB. *Mensagem ao povo brasileiro*. 59ª. Assembleia Geral da CNBB. “A esperança não decepciona” (Rm 5,5). Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-povo-brasileiro-fe-esperanca-compromisso-vida-brasil/>. Acesso em 11 de maio de 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000.

FRANCISCO. *A verdade vos tornará livres (Jo 8,32): Fake news e jornalismo de paz*. Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vatican.va, Cidade do Vaticano, 13 de maio de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2F640bm>. Acesso em 22 de outubro de 2022.

FRANCISCO. *Chamados para construir a família humana*: Mensagem do Papa Francisco para o 59º dia mundial de oração pelas vocações. Vatican.va, Cidade do Vaticano, 8 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/20220508-messaggio-59-gm-vocazioni.html>. Acesso em 6 de maio de 2022.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*: Sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Fratelli tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2020/10/4/enciclica-fratellitutti.html>. Acesso em 2 nov. 2020.

PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_encyclica_evangelii_nuntiandi.pdf.

GANDIN, Danilo. *Planejamento como prática educativa*. São Paulo: Loyola, 1983.

GUTIÉRREZ, G. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia in Oceania: Exortação Apostólica Pós-Sinodal de João Paulo II sobre Jesus Cristo e os povos da Oceania*. Libreria Editrice Vaticana, 2001.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Mo SUNG, Jung. A irracionalidade da modernidade, idolatria e a Teologia da Libertação. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). *Teologia da libertação em prospectiva*. São Paulo. Paulinas: Paulus, 2013. p. 107-127.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A situação sociocultural, economia e política do continente no contexto mundial. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). *Teologia da libertação em prospectiva*. São Paulo. Paulinas: Paulus, 2013. p. 95-106.

OXFAM. *Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas*. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/noticias/fome-avanca-no-brasil-em-2022-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: por quê? para quê? com quem?* Petrópolis: Vozes, 2020.

SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópicos-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TEIXEIRA, Faustino; PANASIEWICZ, Roberlei. Tendências das Teologia da Libertação e do Pluralismo Religioso: desafios novos do diálogo inter-religioso. In.: GUIMARÃES, Edward. *50 anos de Teologia da Libertação: memória, revisão, perspectivas e desafios*. v. 2. São Paulo: Editora recriar, 2022. p. 99-116.